

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
CURSO DE AGRONOMIA**

**MARA PESTANA LEITE**

**DESAFIOS E POTENCIAIS DE ESPÉCIES NATIVAS DE FRUTAS  
COMERCIALIZADAS NO MERCADO MUNICIPAL EM HUMAITÁ – AM**

**HUMAITÁ-AM  
2025**

**MARA PESTANA LEITE**

**DESAFIOS E POTENCIAIS DE ESPÉCIES NATIVAS DE FRUTAS  
COMERCIALIZADAS NO MERCADO MUNICIPAL EM HUMAITÁ – AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Agronomia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como requisito para obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

Orientadora: Dra. Perla Joana Souza Gondim

**HUMAITÁ-AM**

**2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

- L533d      Leite, Mara Pestana  
Desafios e potenciais de espécies nativas de frutas comercializadas no mercado municipal em Humaitá - Am / Mara Pestana Leite. - 2025.  
41 f. ; 31 cm.
- Orientador(a): Perla Joana Souza Gondim.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente de Humaitá, Curso de Agronomia, Universidade Federal do Amazonas - UFAM , 2025.
1. Fruticultura Nativa . 2. Conservação. 3. Comercialização. 4. Sustentabilidade. I. Gondim, Perla Joana Souza. II. Universidade Federal do Amazonas. Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente de Humaitá. Curso de Agronomia. III. Título
-

**MARA PESTANA LEITE**

**DESAFIOS E POTENCIAIS DE ESPÉCIES NATIVAS DE FRUTAS  
COMERCIALIZADAS NO MERCADO MUNICIPAL EM HUMAITÁ – AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Agronomia da Universidade Federal do  
Amazonas - UFAM, como requisito para  
obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

**Aprovada em 18 de dezembro de 2025.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dra. Perla Joana Souza Gondim  
(IEAA/UFAM)**

---

**Prof. Dra. Juçara Elza Hennerich  
(IEAA/UFAM)**

---

**Me. Ely Jhones Melo da Silva  
(Doutorando/UFSM)**

A Deus, que é luz em meus caminhos e abrigo nos meus silêncios.

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e nunca deixaram de me ajudar nessa minha longa jornada.

Ao meu filho, Samuel Lucca Leite, razão do meu esforço e inspiração maior para seguir em frente.

*“Entrega teu caminho ao senhor, confia nele e ele tudo fará!”*

*Salmo 37:5*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ser minha fortaleza nos momentos de dúvida e minha luz nos caminhos incertos. Sem Sua presença, esta caminhada não teria sido possível.

Aos meus pais e minha família. Vocês são minha base e minha motivação.

Ao meu filho, que me ensinou sobre força, paciência e amor verdadeiro. Cada passo que dou é também por você.

Aos professores que contribuíram para minha formação, pois durante a minha graduação, tive a sorte de cruzar com professores incríveis que fizeram toda a diferença na minha caminhada. Alguns deles, mesmo não estando mais no instituto, deixaram ensinamentos e lembranças que levo comigo com muito carinho.

Gostaria de expressar minha gratidão, ao Prof. Dr. Milton César Campos, ao Prof. Dr. André Moreira Bordinhon, a Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosane Rodrigues da Costa Pereira, e em especial a minha orientadora Dr<sup>a</sup> Perla Joana Souza Gondim, suas orientações foram fundamentais e essenciais para que eu pudesse chegar até aqui.

E a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória, em especial às minhas companheiras de curso, Rayana de Almeida Azevedo, Santana Pocidonia, Vanderléia de Araújo e Lucivania Isidoro. Minha gratidão eterna.

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pela oportunidade. Gratidão!

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa de localização do município de Humaitá-AM.....	21
Figura 2. Mapa de localização do mercado municipal de Humaitá-AM. ....	22
Figura 3. Fruto de tucumã ( <i>Astrocaryum aculeatum</i> ) comercializado no mercado municipal de Humaitá.....	27
Figura 4. Fruto de uxi ( <i>Endopleura uchi</i> ) comercializado no mercado municipal de Humaitá.....	27
Figura 5. Fruto de puruí ( <i>Alibertia edulis</i> ) comercializado no mercado municipal de Humaitá.....	28
Figura 6. Fruto de pupunha ( <i>Bactris gasipaes</i> ) comercializado no mercado municipal de Humaitá.....	28

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Dinâmica sazonal e perfil comercial das principais frutíferas nativas no Mercado Municipal de Humaitá, AM (setembro a novembro de 2025).....	26
--	----

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os desafios e os potenciais das espécies nativas de frutas no município de Humaitá, estado do Amazonas, destacando sua importância ecológica, econômica e sociocultural. A pesquisa parte da compreensão de que, apesar da rica biodiversidade amazônica, muitas espécies frutíferas nativas permanecem subutilizadas e enfrentam obstáculos relacionados à conservação, comercialização e valorização. A abordagem metodológica adotada é qualitativa, com caráter exploratório, utilizando entrevistas semiestruturadas com comerciantes do Mercado Municipal de Humaitá. A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, permitindo identificar categorias temáticas como percepção dos consumidores, dificuldades logísticas, ausência de políticas públicas e estratégias de valorização. Os resultados apontam para o potencial das frutas nativas como alternativa sustentável de geração de renda e conservação ambiental, especialmente quando articulados com saberes tradicionais e iniciativas comunitárias. A pesquisa contribui para o debate sobre o uso racional da biodiversidade amazônica e reforça a necessidade de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da cadeia produtiva local.

**Palavras-chave:** Fruticultura nativa, Conservação, Comercialização e Sustentabilidade.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the challenges and potential of native fruit species in the municipality of Humaitá, Amazonas, highlighting their ecological, economic, and sociocultural importance. The research is based on the understanding that, despite the Amazon's rich biodiversity, many native fruit species remain underutilized and face obstacles related to conservation, marketing, and valorization. The methodological approach is qualitative and exploratory, involving semi-structured interviews with vendors from the Municipal Market of Humaitá. Data analysis was conducted using content analysis, allowing the identification of thematic categories such as consumer perception, logistical challenges, lack of public policies, and strategies for valorization. The results indicate the potential of native fruits as a sustainable alternative for income generation and environmental conservation, especially when combined with traditional knowledge and community initiatives. The study contributes to the debate on the rational use of Amazonian biodiversity and emphasizes the need for public policies aimed at strengthening the local production chain.

**Keywords:** Native Fruits; Conservation; Marketing; Sustainability.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. OBJETIVOS .....	13
2.1. OBJETIVO GERAL.....	13
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	13
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3.1. DIVERSIDADE E IMPORTÂNCIA SOCIOECONÔMICA DAS ESPÉCIES NATIVAS DE FRUTOS AMAZÔNICOS .....	13
3.2. CONTEXTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO, ECONÔMICO E SOCIAL DO MUNICÍPIO DE HUMAITÁ – AM .....	15
3.3. DESAFIOS NA CADEIA PRODUTIVA DE FRUTOS NATIVOS .....	18
4. MATERIAS E MÉTODOS .....	20
4.1. ÁREA DE ESTUDO .....	20
4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	22
4.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS .....	22
4.4 ANÁLISE DOS DADOS .....	23
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
5.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS .....	24
5.2 FRUTOS NATIVOS AMAZÔNICOS RECORRENTES.....	24
5.3. DESAFIOS NA COMERCIALIZAÇÃO .....	30
5.4. POTENCIAIS DE VALORIZAÇÃO .....	32
5.5 PROPOSTA DE ESTRATÉGIAS SUSTENTÁVEIS .....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
7. REFERÊNCIAS	
8. APÊNDICE	

## 1. INTRODUÇÃO

As frutas nativas da Amazônia representam uma riqueza biológica, cultural e econômica ainda pouco explorada, especialmente em municípios como Humaitá, no estado do Amazonas. A região amazônica abriga uma das maiores biodiversidades do planeta, com espécies vegetais que desempenham papéis fundamentais na alimentação, na medicina tradicional, na cultura local e na geração de renda para populações ribeirinhas e indígenas (LOPES *et al.*, 2021).

Apesar desse potencial, muitas dessas espécies permanecem subutilizadas e enfrentam desafios significativos relacionados à conservação, ao manejo sustentável e à comercialização. O avanço do desmatamento, a degradação ambiental e a ausência de políticas públicas eficazes têm comprometido a disponibilidade desses recursos naturais e ameaçado os modos de vida tradicionais (BARBOSA; LIMA; LIMA, 2023).

Em meio à crescente demanda por alimentos saudáveis e sustentáveis, os frutos nativos ganham destaque como alternativas viáveis para promover o desenvolvimento regional aliado à preservação ambiental. “A biodiversidade nativa ainda não ocupou parte relevante do seu potencial, que pode aliar a preservação ambiental, renda e qualidade de vida para os agricultores da Amazônia” (PONTES; ROSÁRIO, 2020, p. 07).

O município de Humaitá, localizado às margens do Rio Madeira, apresenta uma condição ecológica singular, por estar na zona de transição entre os biomas amazônico e cerrado. Essa característica favorece a ocorrência de diversas espécies frutíferas nativas, como o açaí-do-Amazonas (*Euterpe precatória*), o buriti (*Mauritia flexuosa*), o tucumã (*Astrocaryum aculeatum*) e a pupunha (*Bactris gasipaes*), entre outras. Esses frutos possuem relevância não apenas econômica, mas também cultural e medicinal (CAVALCANTE *et al.*, 2024).

No entanto, a cadeia produtiva desses frutos enfrenta entraves como a falta de infraestrutura, o escoamento limitado da produção, o desconhecimento por parte dos consumidores e a ausência de incentivos técnicos e financeiros aos pequenos produtores (SANTOS, 2022). Tais fatores dificultam o aproveitamento pleno dos recursos naturais e limitam o desenvolvimento sustentável da região.

Diante desse cenário, este trabalho propõe uma análise dos desafios e das potencialidades das espécies nativas de frutos em Humaitá, considerando aspectos ecológicos, econômicos e socioculturais. A pesquisa busca compreender o papel dessas espécies na dinâmica local e identificar estratégias que promovam seu uso sustentável, contribuindo para a valorização da biodiversidade amazônica e para a melhoria da qualidade de vida das populações envolvidas.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

- Analisar os desafios e os potenciais das espécies nativas de frutas no município de Humaitá, visando identificar estratégias sustentáveis de valorização, conservação e aproveitamento desses recursos naturais.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Identificar as principais espécies nativas de frutas comercializados no município de Humaitá-AM.
- Investigar os desafios enfrentados pelos produtores locais na conservação e comercialização dessas espécies.
- Avaliar o papel das políticas públicas no fortalecimento da cadeia produtiva dos frutos nativos na região.

## **3. REVISÃO DE LITERATURA**

### **3.1. Diversidade e importância socioeconômica das espécies nativas de frutas Amazônicas**

O Brasil destaca-se como um dos países de maior diversidade frutífera do mundo, apresentando espécies nativas e exóticas adaptadas aos mais variados ecossistemas. Neste sentido, a fruticultura constitui uma das atividades mais tradicionais e dinâmicas da agricultura nacional, integrando-se ao agronegócio como importante vetor de desenvolvimento econômico e social. Conforme observa Cardoso (2020, p.12), trata-se de uma cadeia produtiva de ampla relevância, “responsável pela geração de inúmeros empregos ao longo de toda a cadeia, bem como pela oferta de alimentos relacionados ao bem-estar e à qualidade de vida, visto que as frutas são fontes de vitaminas e nutrientes indispensáveis à dieta humana”.

No contexto da Amazônia, a diversidade de frutas é particularmente expressiva. A região Norte abriga cerca de 220 espécies frutíferas, sendo aproximadamente 44% consideradas nativas (NEVES *et al.*, 2015). De acordo com Bonzolan (2023), a Amazônia concentra cerca de 44% das espécies de frutas nativas do Brasil, configurando-se como a região de maior diversidade frutífera do país, abrangendo tanto espécies nativas quanto exóticas. Esse destaque se relaciona diretamente à extensa cobertura territorial da Amazônia Legal, que corresponde a quase metade do território brasileiro, evidenciando a relevância da região para a conservação da biodiversidade e para o desenvolvimento de estratégias de manejo sustentável e valorização dos recursos naturais.

Essa riqueza biológica reflete não apenas a abundância de recursos naturais, mas também o potencial econômico e cultural associado às espécies locais. Muitas delas são amplamente utilizadas pela população regional, seja na alimentação in natura, seja na forma de subprodutos, como sucos, doces, polpas e óleos vegetais. Contudo, Moraes, Moçambique e Quitério (2024) destacam que a maioria dessas espécies ainda é explorada predominantemente de forma extrativista, sem adoção de sistemas de cultivo por agricultores familiares, o que restringe a consolidação de cadeias produtivas estruturadas.

Essa realidade decorre, em parte, da ausência de políticas públicas estruturadas e da fragilidade das bases produtivas locais. Segundo Marin (2023), embora existam associações e cooperativas que buscam coordenar e integrar produtores, indústrias e mercados consumidores, a cadeia da fruticultura na Amazônia ainda enfrenta desafios como a falta de assistência técnica, infraestrutura precária e escassez de investimentos em tecnologia e beneficiamento. Esses fatores dificultam o escoamento da produção e reduzem a competitividade regional frente a outros polos frutícolas do país.

Por outro lado, estudos indicam que as espécies nativas podem representar alternativas promissoras para o fortalecimento econômico e ambiental da região (EMBRAPA, 2021). Oliveira e Rios (2014) destacam que o cultivo dessas espécies em sistemas agroflorestais configura uma estratégia sustentável de uso do solo, promovendo simultaneamente a conservação ambiental e a diversificação da renda dos produtores rurais.

Nesse mesmo sentido, Zimmer, Ferraz e Santos (2020) ressaltam o potencial econômico de frutas como açáí-do-Amazonas (*Euterpe precatória*), tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), pupunha (*Bactris gasipaes*), bacuri (*Garcinia gardneriana*) e buriti (*Mauritia flexuosa*), enfatizando a necessidade de expandir a produção e o consumo dessas espécies nos mercados regional, nacional e internacional.

O processo de domesticação e manejo dessas plantas ainda é incipiente em muitas áreas da Amazônia. Diante desse cenário o cultivo controlado permite maior previsibilidade da produção, além de facilitar o planejamento da colheita, o armazenamento e a padronização da qualidade para fins de comercialização (EMBRAPA, 2018).

A fruticultura, portanto, apresenta-se como uma atividade estratégica para o desenvolvimento sustentável da Amazônia, uma vez que a região reúne condições edafoclimáticas ideais para a produção de frutas tropicais. Pulgarin (2023) destaca que o setor apresenta elevado potencial para a geração de emprego, renda e inclusão social, especialmente entre pequenos produtores e comunidades tradicionais. Ademais, observa-se uma crescente

demanda, tanto em nível nacional quanto internacional, por frutas amazônicas, motivada por seu valor nutricional, sabor diferenciado e pelo apelo ambiental e social associado à sua origem.

Nesse contexto, os sistemas agroflorestais (SAFs) despontam como alternativas viáveis e ecologicamente equilibradas. De acordo com a Embrapa (2021), esses sistemas promovem a diversificação produtiva, reduzem os riscos climáticos e proporcionam maior estabilidade econômica, ao mesmo tempo em que contribuem para a regeneração do solo e a conservação da biodiversidade. A integração de espécies nativas frutíferas com culturas agrícolas e florestais contribui para a mitigação das mudanças climáticas e para a manutenção dos serviços ecossistêmicos, tornando-se uma estratégia eficaz de conciliação entre produção e conservação.

Ademais, a valorização das frutas nativas vai além da dimensão econômica, abrangendo também aspectos culturais e de identidade das populações amazônicas. As comunidades tradicionais, indígenas, ribeirinhas e extrativistas, possuem profundo conhecimento sobre o uso e o manejo das espécies frutíferas, o que reforça a importância de integrar o saber local aos processos de pesquisa e inovação tecnológica. A promoção de cadeias curtas de comercialização, feiras agroecológicas e programas de compras públicas (como o PAA e o PNAE) pode fortalecer a economia local e aumentar o consumo desses produtos na própria região.

Dessa maneira, a diversidade de frutas nativas amazônicas representa uma riqueza natural e sociocultural de valor inestimável. A consolidação de políticas de incentivo à fruticultura regional, aliadas à pesquisa científica, à educação ambiental e ao fortalecimento das organizações comunitárias, é fundamental para transformar esse potencial em realidade econômica sustentável. Ao valorizar e ampliar o cultivo das espécies nativas, a Amazônia poderá não apenas conservar sua biodiversidade, mas também promover um modelo de desenvolvimento pautado na inclusão social, no uso racional dos recursos naturais e na soberania alimentar de seus povos.

### **3.2. Contexto histórico, geográfico, econômico e social do município de Humaitá – AM**

A cidade de Humaitá, localizada na mesorregião Sul do Amazonas, às margens do rio Madeira, foi fundada no ano de 1869, em 15 de maio, pelo Comendador José Francisco Monteiro. A palavra Humaitá é de origem indígena, e significa “a pedra agora é negra” (SIQUEIRATUR, 2025).

O município possui uma área de aproximadamente 33.071,902 km<sup>2</sup>, as coordenadas geográficas são 07°30'22” S e 63°01'15” W, sendo a sua altitude de 90 metros acima do nível

do mar (IBGE, 2017). De acordo com o censo de 2022, a população do município é de 57.473 mil pessoas (IBGE, 2022).

De acordo com Roriz e Nascimento (2016), o município de Humaitá era popularmente conhecido como “a terra da mangaba”, isso ocorreu devido a fruta ser encontrada em grande parte da extensão territorial. Embora Humaitá seja historicamente conhecida como a 'Terra da Mangaba', essa espécie nativa já não é encontrada com facilidade na cidade. Essa mudança coincide com o IIIº Ciclo, o ciclo agropecuário, que transformou o município em uma nova fronteira agrícola no Amazonas (FURTADO, 2007; BECKER, 2005). Tal expansão é impulsionada pela localização estratégica na encruzilhada das rodovias BR-230 (Transamazônica) e BR-319, Porto Velho – Manaus (COSTA; MELO; SILVA, 2023).

Nessa perspectiva, a monocultura ganhou grande destaque na região, sobretudo com o cultivo da soja (SILVA; SILVA; LIMA, 2019). Assim, as frutas típicas, nativas e com valor cultural, perderam destaque, sobretudo nas mesas da própria população, pois algumas frutas já não são mais cultivadas, e sim encontradas por acaso nas matas.

O município de Humaitá está localizado no sul do estado do Amazonas, às margens do rio Madeira, integrando uma das áreas mais estratégicas da Amazônia ocidental. Sua formação histórica, características geográficas e transformações econômicas e sociais refletem as dinâmicas mais amplas de ocupação e desenvolvimento da região amazônica nas últimas décadas (BECKER, 2019).

Durante o ciclo da borracha (final do século XIX e início do XX), Humaitá desempenhou um papel de entreposto fluvial, facilitando o escoamento da produção e o suprimento das frentes extrativistas do Alto Madeira. Essa função logística reforçou sua importância no contexto regional e atraiu um fluxo populacional significativo, formado por seringueiros, comerciantes e migrantes vindos das regiões Nordeste e Sudeste do país (TORRES, 2007). Com o declínio da borracha, o município diversificou suas atividades, passando a abrigar populações ribeirinhas dedicadas à pesca, à coleta de castanha e ao extrativismo vegetal.

Nas décadas seguintes, o processo de integração nacional e as políticas de ocupação da Amazônia, especialmente durante o regime militar, marcaram o início de um novo ciclo de expansão territorial. Projetos como a abertura da rodovia BR-230 (Transamazônica) e BR-319 (Porto Velho – Manaus) redefiniram a posição geoeconômica de Humaitá, conectando-a aos eixos de desenvolvimento e estimulando a migração interna (COSTA; MELO; SILVA, 2023). Esse processo intensificou a presença de atividades agropecuárias e transformou a paisagem local, caracterizando o que Becker denomina de “fronteira móvel amazônica” (BECKER, 2019).

p. 135). Humaitá faz fronteira com os municípios de Manicoré, Canutama e Tapauá (ao norte), Lábrea (a leste) e o estado de Rondônia (ao sul), sendo cortado por importantes cursos d'água, como o rio Madeira, principal via de transporte e comunicação fluvial.

O clima é equatorial úmido, com temperatura média anual em torno de 26 °C e precipitação elevada, superior a 2.000 mm/ano (SILVA *et al.*, 2022). Essa condição climática favorece ecossistemas de várzea e terra firme, com elevada biodiversidade e predominância de florestas ombrófilas densas. No entanto, estudos recentes alertam que o avanço da fronteira agrícola e o desmatamento vêm alterando significativamente o uso do solo, sobretudo nas últimas duas décadas (FEARNSIDE, 2006).

De acordo com dados do MapBiomas (2023), a conversão de áreas florestais em pastagens e lavouras na região de Humaitá aumentou de forma contínua após 2005, coincidindo com a expansão das atividades agropecuárias e com o processo de reocupação da BR-319. Tais mudanças geram implicações diretas na dinâmica hidrológica do rio Madeira e no equilíbrio ambiental local, impactando comunidades ribeirinhas e indígenas que dependem desses recursos.

O desenvolvimento econômico de Humaitá apresenta três fases principais: o ciclo extrativista, o ciclo agropecuário e o ciclo logístico (FURTADO, 2007; BECKER, 2005). No primeiro, a base da economia era o extrativismo vegetal (borracha, castanha, madeiras nobres e frutas nativa|s). Essa fase sustentou a economia local até meados do século XX, sendo complementada pela agricultura de subsistência e pela pesca artesanal.

Com a abertura das rodovias e a chegada de migrantes vindos principalmente do sul do país, iniciou-se o chamado “III Ciclo Econômico”, caracterizado pela expansão agropecuária e pela consolidação de Humaitá como nova fronteira agrícola do Amazonas (COSTA; MELO; SILVA, 2023). Atualmente, o município figura entre os principais produtores de grãos do estado, especialmente soja e milho, com áreas de cultivo em expansão e infraestrutura voltada ao transporte de commodities pelo rio Madeira (SILVA; SILVA; LIMA, 2019).

Segundo o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas (IDAM, 2023), a região sul do Amazonas apresenta mais de 100 mil hectares de áreas aptas ao cultivo mecanizado. O crescimento econômico tem contribuído para a elevação do PIB municipal, que em 2022 ultrapassou R\$860 milhões (IBGE, 2022). Contudo, esse avanço vem acompanhado de desigualdades sociais e pressões ambientais significativas, como o aumento do desmatamento e conflitos fundiários (FEARNSIDE, 1997; SILVA *et al.*, 2022).

Humaitá vem perdendo parte de sua identidade frutífera. Roriz e Nascimento (2016) relatam que o desaparecimento das áreas de ocorrência do fruto da mangabeira (*Harconia*

*speciosa*) é resultado direto da conversão de florestas e campos naturais em pastagens e lavouras. Esse processo simboliza a substituição da economia tradicional baseada na diversidade e na coleta de produtos florestais por sistemas de monocultura e produção intensiva.

Do ponto de vista social, Humaitá possui características típicas dos municípios amazônicos de fronteira: densidade populacional reduzida, grande dispersão territorial e economia concentrada no setor primário. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,640, considerado médio (PNUD, 2021).

A estrutura social reflete uma combinação de modos de vida tradicionais e novas formas de organização produtiva. Comunidades ribeirinhas e agricultores familiares ainda desempenham papel relevante na economia local, cultivando mandioca, milho, feijão, banana e produtos extrativistas. Entretanto, há desafios persistentes relacionados à infraestrutura, educação e acesso à saúde. Estudo realizado por Santos e Oliveira (2020) aponta que a mobilidade educacional é limitada, especialmente para jovens de comunidades distantes, que enfrentam longas distâncias até a sede municipal.

Além disso, as mudanças econômicas recentes provocaram impactos na configuração social do município. A introdução do agronegócio e a chegada de trabalhadores migrantes alteraram as relações de trabalho e a organização fundiária. Segundo Fearnside (2006), essa transformação tem provocado o aumento das desigualdades e conflitos socioambientais em áreas de fronteira, fenômeno também observado em Humaitá-Am.

Os índices de sustentabilidade social e econômica de comunidades agrícolas da região ainda são baixos, evidenciando a fragilidade institucional e a dependência de políticas públicas (SILVA *et al.*, 2022). Apesar disso, há esforços locais e estaduais voltados à regularização fundiária, crédito rural e formalização de cooperativas agrícolas, que buscam fortalecer a agricultura familiar e reduzir a vulnerabilidade socioeconômica.

### **3.3. Desafios na Cadeia Produtiva de Frutos Nativos**

A cadeia produtiva de frutas nativas da Amazônia apresenta grande potencial econômico, social e ambiental, mas enfrenta diversos desafios que limitam seu pleno desenvolvimento. Em municípios como Humaitá-AM, situados na mesorregião sul do Amazonas, a riqueza da biodiversidade regional se contrapõe à carência de políticas públicas, infraestrutura e apoio técnico que promovam o aproveitamento sustentável dos recursos florestais não madeireiros (SILVA, 2019).

A Amazônia é considerada uma das regiões com maior diversidade de frutas nativas do mundo, abrigando espécies de elevado valor nutricional e comercial, como o açaí-do-Amazonas

(*Euterpe precatória*), buriti (*Mauritia flexuosa*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), bacaba (*Oenocarpus bacaba*), tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), murici (*Byrsonima crassifolia*) e a mangaba (*Hancornia speciosa*) (SOUZA; SILVA, 2008). No entanto, a exploração dessas espécies ainda é predominantemente extrativista, pouco organizada e marcada por sazonalidade, o que acarreta baixa agregação de valor e reduz a competitividade no mercado (HOMMA, 2014).

Segundo Homma (2014), o modelo de exploração extrativista na Amazônia raramente se converte em sistemas produtivos sustentáveis a longo prazo, devido à ausência de tecnologias adaptadas, à desorganização dos produtores e à falta de integração entre os elos da cadeia produtiva. Essa realidade também se reflete em Humaitá, onde o avanço da agropecuária e da monocultura de soja tem pressionado ecossistemas naturais e reduzido a disponibilidade de áreas com espécies nativas de frutas (SILVA; SILVA; LIMA *et al.*, 2019).

Outro ponto crítico é a deficiência na assistência técnica e na capacitação dos produtores. De acordo com Gomes, Nogueira e Costa (2018), o desconhecimento sobre práticas de manejo e beneficiamento adequado dos frutos leva a perdas significativas na pós-colheita. A ausência de infraestrutura de armazenamento e transporte adequado também compromete a qualidade dos produtos, principalmente em municípios com acesso rodoviário precário, como Humaitá, que depende fortemente das rodovias BR-230 (Transamazônica) e BR-319, sujeitas a sazonalidade e condições adversas durante o período chuvoso.

Além disso, a informalidade e a falta de organização coletiva dificultam o acesso dos produtores a mercados mais amplos e políticas de crédito rural. Estudos de Siqueira, Bonifácio e Andrade (2024) indicam que cooperativas e associações de produtores podem ser estratégias eficazes para fortalecer a cadeia produtiva, ao facilitar a comercialização, reduzir custos e promover o beneficiamento local. No entanto, essas iniciativas ainda são incipientes no sul do Amazonas e carecem de apoio institucional contínuo.

Do ponto de vista econômico, o desafio maior consiste em transformar o potencial dos frutos nativos em cadeias de valor sustentáveis e competitivas. Segundo Chelala, Chelala e Carvalho (2022), a ausência de políticas específicas de fomento à bioeconomia amazônica limita o investimento em inovação, o que impede o desenvolvimento de produtos com maior valor agregado, como polpas congeladas, óleos, cosméticos e nutracêuticos. A integração entre pesquisa científica, setor produtivo e comunidades locais é fundamental para o avanço tecnológico e para a valorização dos saberes tradicionais (BAHIA *et al.*, 2024).

Socialmente, as frutas nativas representam uma importante fonte de renda para comunidades ribeirinhas, indígenas e agricultores familiares, além de desempenharem papel

essencial na segurança alimentar e na manutenção de práticas culturais regionais (PULGARIN, 2023). Em Humaitá, parte da população rural ainda depende do extrativismo sazonal para complementar a renda familiar. No entanto, a falta de reconhecimento formal dessas atividades como parte integrante da economia local contribui para a marginalização dos extrativistas e reduz sua capacidade de acesso a políticas públicas de apoio (ABREU; WATANABE, 2016).

A valorização da biodiversidade amazônica, conforme aponta Silva et al. (2025), exige estratégias de gestão territorial e ambiental que conciliam conservação e uso econômico sustentável. Nesse sentido, a pesquisa científica tem papel crucial na identificação de espécies com potencial econômico e na proposição de modelos de manejo sustentáveis, respeitando os limites ecológicos e os conhecimentos tradicionais.

Por fim, os desafios na cadeia produtiva de frutas nativas de Humaitá-AM refletem a necessidade de uma abordagem integrada, que envolva capacitação técnica, apoio institucional, incentivo à pesquisa aplicada e fortalecimento das organizações locais. A promoção da bioeconomia regional, aliada à conservação dos recursos naturais, pode transformar esses desafios em oportunidades para o desenvolvimento sustentável da Amazônia e melhoria das condições socioeconômicas das populações locais.

#### **4. MATERIAS E MÉTODOS**

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa com caráter exploratório, conforme Lösch, Rambo e Ferreira (2023), que destacam a pesquisa exploratória como essencial para investigar fenômenos pouco conhecidos e complexos, especialmente em contextos socioculturais específicos como o município de Humaitá, Amazonas. A abordagem qualitativa permite compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas e experiências, sendo especialmente útil para captar nuances culturais, econômicas e ambientais (LUNETTA *et al.*, 2024).

A pesquisa possibilita levantar informações detalhadas sobre o uso e a valorização de frutas nativas na região, bem como captar percepções, saberes e vivências dos comerciantes locais, permitindo uma análise aprofundada e contextualizada.

##### **4.1. Área de estudo**

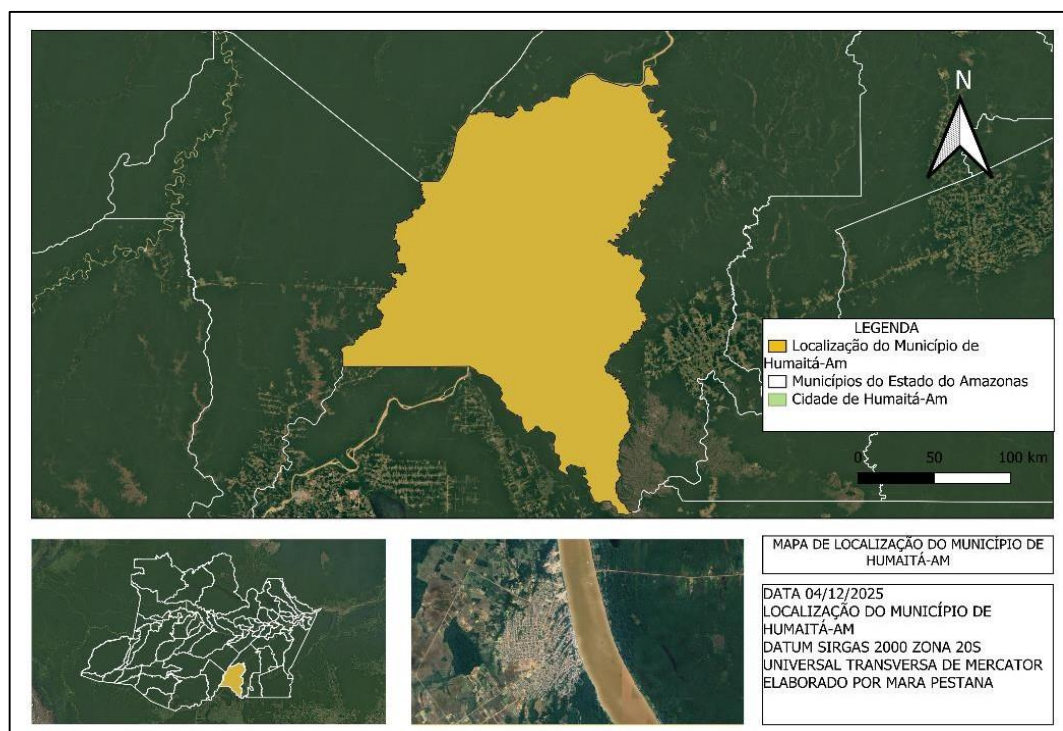
O estudo foi realizado em Humaitá, município localizado na mesorregião Sul do Amazonas, às margens do rio Madeira.

A pesquisa concentrou-se no Mercado Municipal Público Hélio de Souza Lobo, localizado na Rua Monteiro, centro da cidade, sob as coordenadas 7°30'29" S, 63°01'13" W. O

mercado cumpre papel estratégico como central de abastecimento e ponto de encontro entre produtores/extrativistas e consumidores urbanos. A Rua Monteiro apresenta pavimentação e calçadas, facilitando a circulação de pessoas e produtos e conectando o comércio à orla do município (Figura 1 e 2).

O estudo considerou o mercado e seu entorno urbano e ambiental, permitindo analisar a coleta, o transporte e a comercialização de frutas nativas, assim como as percepções de comerciantes e consumidores

Figura 1. Mapa de localização do município de Humaitá-AM.



Fonte: Própria autoria, 2025.

Figura 2. Mapa de localização do mercado municipal de Humaitá-AM.



Fonte: Própria autoria, 2025.

#### 4.2 População e amostra

A população de objetivo do presente estudo, foram de comerciantes que atuam na venda de frutas nativas no Mercado Municipal Hélio de Souza Lobo. A amostra foi definida por conveniência, considerando critérios de acessibilidade e relevância para o tema, conforme LUNETTA, *et al.* (2024). O questionário foi aplicado aos comerciantes que tinham conhecimento sobre as frutas e que possuíam experiência prática na comercialização, mesmo que no período da pesquisa não houvessem sua disponibilidade no mercado.

A coleta de dados foi realizada duas vezes na semana até atingir saturação de informações, ou seja, o ponto em que novas entrevistas não forneciam dados adicionais ou categorias relevantes. Durante a aplicação do questionário, observou-se que alguns comerciantes demonstravam receio em responder às perguntas, fato respeitado pela pesquisadora.

#### 4.3 Instrumentos e procedimentos para coleta de dados

Para a obtenção das informações, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, seguindo os preceitos de Saviano (2025), que possibilitam aos participantes manifestar suas experiências e opiniões de maneira livre, ao mesmo tempo em que direcionam a pesquisa para os objetivos propostos. O roteiro de entrevistas, disponível no Apêndice, contemplou tópicos

relacionados às espécies nativas e outros produtos comercializados, origem das mercadorias, percepção dos consumidores, dificuldades enfrentadas e sugestões para valorização.

As conversas ocorreram presencialmente nos locais de trabalho dos comerciantes, durante o período de setembro a novembro de 2025, com duração média de 25 a 40 minutos cada. Os depoimentos foram registrados em anotações detalhadas, posteriormente transcritas para análise. Complementarmente, foram realizadas observações do ambiente, incluindo organização e exposição dos produtos, além de registros fotográficos das espécies, respeitando a privacidade dos participantes.

#### **4.4 Análise dos dados**

Os dados coletados foram tratados por meio da análise de conteúdo temática, conforme BARDIN (2011) e complementado por LÖSCH, *et al* (2023). O processo incluiu quatro etapas:

1. Pré-análise: leitura detalhada das transcrições e anotações, buscando compreensão geral;
2. Exploração do material: codificação aberta das unidades de significado;
3. Agrupamento e categorização: organização das unidades em categorias temáticas recorrentes:
  - Perfil dos atores e trajetória no comércio;
  - Espécies nativas e dinâmica sazonal de comercialização;
  - Desafios na comercialização;
  - Potenciais de valorização;
4. Interpretação e inferência: análise das categorias à luz do referencial teórico, permitindo identificar padrões, relações e contradições.

Foi realizada também a descrição de frequência das espécies comercializadas, possibilitando identificar padrões de sazonalidade e recorrência dos frutos nativos.

### **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com base nas entrevistas realizadas com comerciantes do Mercado Municipal Hélio de Souza Lobo, em Humaitá-AM, foi possível identificar categorias temáticas recorrentes que elucidam a percepção, os desafios e os potenciais associados à comercialização de frutas nativas

amazônicas na região. A análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011), revelou aspectos significativos que serão expostos e discutidos nos tópicos subsequentes.

### **5.1 Perfil dos Entrevistados**

A caracterização dos comerciantes que participaram do estudo reflete a diversidade de perfis presentes no mercado local. Identificou-se variação considerável no tempo de atuação no comércio de frutas nativas amazônicas, compreendendo desde profissionais com mais de cinco anos de experiência até empreendedores em fase inicial de estabelecimento. A faixa etária predominante situou-se entre 30 e 60 anos, compatível com o perfil demográfico do comércio tradicional na região.

Os depoimentos coletados evidenciam a construção de conhecimento empírico especializado entre os comerciantes, desenvolvido através da interação direta com produtores, extrativistas e consumidores.

Observou-se que, embora parte dos entrevistados não atue exclusivamente com as frutas nativas amazônicas, todos reconhecem seu valor cultural e econômico para a região.

O conjunto amostral representa um segmento dinâmico do comércio local, capacitado a fornecer subsídios consistentes para a compreensão da realidade mercantil das frutas nativas no município, incluindo suas principais dificuldades e oportunidades de valorização.

### **5.2 Frutos Nativos Amazônicos Recorrentes**

A investigação realizada no Mercado Municipal em Humaitá permitiu identificar que as espécies nativas comercializadas refletem tanto a ampla diversidade das frutas características da região amazônica quanto a complexa dinâmica do extrativismo local. Os dados obtidos demonstraram que a oferta desses produtos é fortemente influenciada pela sazonalidade, variando conforme os ciclos de frutificação e as condições logísticas de abastecimento das áreas de coleta, evidenciando a relevância dessas espécies na dinâmica comercial de Humaitá (AM).

Dessa forma, a análise aprofundada dos relatos possibilitou estabelecer uma clara distinção entre as frutas com circulação regular no mercado e aqueles com oferta restrita a períodos específicos, o que evidencia a profunda influência dos ciclos naturais na composição dos produtos disponíveis aos consumidores. Essa caracterização temporal permitiu,

consequentemente, identificar e categorizar as principais espécies comercializadas no âmbito do estudo, com especial atenção à frequência de sua disponibilização no mercado.

Para sintetizar e organizar essas informações, apresenta-se a seguir a Tabela 1, que consolida o panorama das espécies documentadas, evidenciando a representatividade comercial de cada fruta e fornecendo uma base analítica para a compreensão das dinâmicas de comercialização dos produtos nativos amazônicos na região de Humaitá.

Tabela 1. Dinâmica sazonal e perfil comercial das principais frutíferas nativas no Mercado Municipal de Humaitá, AM (setembro a novembro de 2025).

Espécie (Nome Científico)	Set.	Out.	Nov.	Características e Implicações comerciais
<b>Tucumã</b> ( <i>Astrocaryum aculeatum</i> )	Alta	Alta	Alta	<b>Padrão constante.</b> Espécie central no mercado. A oferta estável durante todo o período analisado indica uma cadeia de abastecimento estruturada e uma demanda culturalmente consolidada, pouco dependente da sazonalidade.
<b>Uxi</b> ( <i>Endopleura uchi</i> )	Média	Baixa	Baixa	<b>Padrão sazonal de colheita restrita.</b> A boa aceitação contrasta com a redução da oferta, reflexo de uma janela curta de frutificação. O comportamento observado reforça o potencial para processamento, como produção de polpas e doces.
<b>Puruí</b> ( <i>Alibertia edulis</i> )	Baixa	Média	Média	<b>Padrão sazonal de nicho regional.</b> A elevação da oferta ao longo dos meses sugere o início do pico de safra. Apesar do baixo reconhecimento fora da região, apresenta potencial nutricional significativo e mercado ainda pouco explorado.
<b>Pupunha</b> ( <i>Bactris gasipaes</i> )	Baixa	Alta	Média	<b>Padrão sazonal com versatilidade.</b> O aumento expressivo da oferta em outubro caracteriza seu período principal de colheita. A espécie possui usos variados, tanto para consumo <i>in natura</i> quanto para processamento industrial, o que fortalece sua cadeia produtiva.

**Fonte:** Dados primários, pesquisa de campo (2025).

**Nota:** A classificação de disponibilidade (Alta, Média, Baixa) baseia-se na frequência relativa de ocorrência nos pontos de venda, conforme relato dos comerciantes durante o período de coleta.

Para ilustrar morfológicamente as espécies analisadas e complementar a caracterização apresentada na Tabela 1, seguem as imagens dos frutos estudados, organizadas conforme sua dinâmica de oferta:

Figura 3. Fruto de tucumã (*Astrocaryum aculeatum*) comercializado no mercado municipal de Humaitá.



**Fonte:** Autoria própria, 2025.

Figura 4. Fruto de uxi (*Endopleura uchi*) comercializado no mercado municipal de Humaitá.



**Fonte:** Autoria própria, 2025.

Figura 5. Fruto de puruí (*Alibertia edulis*) comercializado no mercado municipal de Humaitá.



**Fonte:** Autoria própria, 2025.

Figura 6. Fruto de pupunha (*Bactris gasipaes*) comercializado no mercado municipal de Humaitá.



**Fonte:** Autoria própria, 2025.

A análise das informações reunidas na Tabela 1 demonstra que a dinâmica de oferta de tucumã, uxi, puruí e pupunha no Mercado Municipal de Humaitá reflete de maneira clara a organização socioeconômica e ambiental que caracteriza o extrativismo na região amazônica. Observa-se que cada espécie apresenta um comportamento distinto ao longo dos meses avaliados, evidenciando a influência direta dos ciclos ecológicos, da capacidade logística dos fornecedores e da demanda regional por frutos nativos.

O tucumã (Figura 1) destaca-se como a espécie de maior regularidade de comercialização no período estudado. A manutenção de sua oferta em níveis elevados sugere a existência de áreas de coleta relativamente acessíveis ao longo do ano e de uma cadeia de

abastecimento estabilizada pelo forte valor cultural associado ao fruto na alimentação amazônica. Em Humaitá, o consumo cotidiano do tucumã, especialmente em preparações tradicionais, contribui para que comerciantes mantenham a busca ativa por novos carregamentos, mesmo em condições de maior dificuldade de transporte.

Conforme destacado por Araújo et al. (2024), essa demanda é fortalecida pela versatilidade culinária do tucumã, que é consumido *in natura*, em sanduíches tradicionais como o x-caboquinho, em tapiocas, sucos, sorvetes e geleias, além de permitir a extração de óleo comestível, o aproveitamento do palmito e a produção de uma bebida semelhante ao café a partir de suas amêndoas. Esses múltiplos usos reforçam o papel central do tucumã na dieta e na economia local, explicando a constância de sua presença no comércio observado. Estudos anteriores também ressaltam a importância desse fruto para as comunidades amazônicas, tanto na alimentação quanto na geração de renda (SILVA *et al.*, 2024; DIDONET, 2012).

O uxi (Figura 2) apresenta comportamento contrastante, marcado por queda expressiva na disponibilidade após setembro. Esse padrão é consistente com o ciclo reprodutivo da espécie, cuja frutificação é concentrada em um curto intervalo. Em conversas com os comerciantes, observou-se que, embora exista boa aceitação entre consumidores, a oferta depende quase exclusivamente de extrativistas de comunidades mais distantes, o que torna o abastecimento vulnerável à variabilidade climática e ao acesso às áreas de coleta. A limitação temporal reforça seu potencial para processamento, já que produtos derivados podem prolongar sua presença no mercado. Esta perspectiva é corroborada por estudos que reconhecem o valor nutricional e uso em polpas e produtos funcionais (CARVALHO; NASCIMENTO, 2018; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2024).

O puruí (Figura 3) demonstra um comportamento crescente ao longo do período analisado, indicando a proximidade de seu pico de safra. A presença moderada em outubro e novembro sugere que o fruto se torna mais disponível à medida que a frutificação avança em áreas extrativistas próximas ao município. Embora seja pouco conhecido fora da região, comerciantes relatam que consumidores de Humaitá demonstram curiosidade e crescente interesse pela espécie, o que evidencia um potencial de mercado ainda em fase inicial de consolidação.

Essa perspectiva é reforçada pelo reconhecimento de suas propriedades nutricionais, que, apesar de pouco exploradas comercialmente, podem ser valorizadas em mercados diferenciados, voltados para produtos funcionais ou de alto valor agregado (HOMEM VERDE, 2023). Assim, o puruí não apenas integra a diversidade de frutos disponíveis no mercado local, mas também representa uma oportunidade estratégica para o desenvolvimento de cadeias

produtivas sustentáveis, conciliando valorização econômica e conservação da biodiversidade amazônica.

A pupunha, por sua vez, apresenta o padrão mais versátil entre as espécies estudadas (Figura 4). Seu aumento acentuado em outubro indica o início de sua principal safra, e a permanência moderada em novembro sugere continuidade da colheita em áreas próximas às comunidades ribeirinhas e agrícolas. A dupla utilização da pupunha, que pode ser consumida *in natura* ou empregada em processamentos locais, favorece uma demanda mais estável e amplia as possibilidades de escoamento da produção. Comerciantes destacam que a pupunha costuma ser adquirida tanto para consumo doméstico quanto para atividades produtivas familiares, o que reforça sua importância socioeconômica.

Essa multifuncionalidade é atestada pela literatura, que documenta desde a transformação da polpa em farinha para panificação, passando pela extração de óleo para bebidas fermentadas tradicionais, até o aproveitamento integral do fruto e aplicações como o uso da massa como isca na pesca artesanal (ARAÚJO *et al.*, 2024). Essa diversidade de usos consolida sua importância tanto para o consumo *in natura* quanto para o processamento industrial, notadamente na produção de farinha e derivados (CLEMENT; SANTOS, 2002; SPACKI *et al.*, 2022), posicionando-a como um recurso alimentar e econômico central na região.

Nesse sentido, a leitura integrada da Tabela 1 evidencia que a oferta de frutas nativas em Humaitá é guiada pela interação entre padrões ecológicos, estrutura logística e preferências socioculturais, elementos que moldam de maneira decisiva a presença de cada espécie no mercado municipal. Essa articulação revela que o abastecimento local depende simultaneamente do ciclo natural das frutíferas, das condições de acesso às áreas extrativistas e da relevância cultural atribuída a cada fruta na rotina alimentar da população.

### **5.3. Desafios na comercialização**

A análise dos dados coletados revela uma série de desafios interconectados que impactam tanto a comercialização quanto a conservação das espécies nativas amazônicas na região de Humaitá. Os relatos dos comerciantes permitiram identificar obstáculos críticos que vão desde questões logísticas até aspectos culturais e de infraestrutura, os quais serão detalhados a seguir.

- Sazonalidade e Irregularidade no Fornecimento

Conforme amplamente evidenciado pelos entrevistados, a sazonalidade configura-se como principal entrave à comercialização regular das frutas nativas amazônicas. Um comerciante

relatou que "alguns frutos só aparecem em épocas específicas, como a bacaba, que basicamente some do mercado entre maio e novembro". Tal irregularidade no abastecimento compromete o estabelecimento de relações comerciais formais e inviabiliza o planejamento estratégico dos negócios, limitando substancialmente a capacidade de atendimento consistente à demanda.

- Problemas de Conservação e Perecibilidade

A alta perecibilidade pós-colheita emergiu como desafio de igual magnitude. Os comerciantes destacaram que espécies como murici e buriti exigem condições específicas de armazenamento frequentemente indisponíveis no contexto local. Conforme explicitado por um entrevistado, "muitas vezes precisamos vender com urgência, mesmo com preço abaixo do ideal, para evitar perdas totais", situação que evidencia a vulnerabilidade econômica do segmento.

- Dificuldades Logísticas e de Transporte

As condições precárias de escoamento dos produtos desde as áreas de coleta até o centro comercial constituem um desafio crítico para a cadeia de suprimentos. Os relatos dos comerciantes evidenciam problemas significativos tanto no transporte terrestre quanto fluvial. As vias não pavimentadas tornam-se intrafegáveis durante o período chuvoso, impedindo o fluxo regular de mercadorias. Simultaneamente, o transporte fluvial, vital para comunidades ribeirinhas, enfrenta restrições durante a estação de seca, quando o nível dos rios compromete a navegabilidade. Esta dupla vulnerabilidade dos sistemas de transporte contribui para a irregularidade no abastecimento e afeta diretamente a estabilidade do mercado local.

- Desconhecimento do Consumidor e Baixa Valorização

O limitado conhecimento dos consumidores sobre as características nutricionais, funcionais e culinárias dos frutos nativos representa um fator restritivo à sua valorização comercial. Produtos como o buriti e o murici possuem reconhecida importância nutricional, mas sua demanda permanece baixa devido à falta de informação sobre formas de consumo, preparo e benefícios para a saúde. Essa situação reduz o interesse do mercado e limita os preços pagos pelos frutos, desestimulando coletores e comerciantes e restringindo o potencial de expansão econômica das cadeias de produtos nativos.

- Falta de Estrutura de Processamento

A inexistência de infraestrutura adequada para processamento e beneficiamento local constitui um obstáculo à agregação de valor. Sem unidades de processamento próximas às áreas de coleta, as frutas precisam ser comercializadas in natura, com vida útil curta, o que reduz a oportunidade de gerar produtos de maior valor agregado, como polpas congeladas, doces, óleos

e produtos desidratados. A ausência dessa estrutura compromete o desenvolvimento de estratégias de comercialização diferenciadas e limita a oferta de produtos que poderiam manter disponibilidade mais constante ao longo do ano, garantindo melhores condições econômicas para os comerciantes.

Além da sazonalidade e da variação na oferta das frutas (tucumã, uxi, puruí e pupunha), os comerciantes relataram que não recebem apoio de políticas públicas específicas para a valorização e comercialização das frutas nativas. Essa ausência de suporte institucional foi mencionada como um fator que limita a expansão da atividade e a agregação de valor aos produtos.

A falta de políticas públicas voltadas para as frutas nativas reforça a vulnerabilidade dos comerciantes, que dependem exclusivamente da sazonalidade e da demanda local. Sem incentivos governamentais, como programas de capacitação, infraestrutura adequada ou linhas de crédito, as frutas continuam sendo vendidas majoritariamente *in natura*, sem agregação de valor.

Essa lacuna institucional compromete o potencial de desenvolvimento econômico sustentável da região, já que os frutos poderiam ser melhor aproveitados em cadeias produtivas, turismo gastronômico e mercados diferenciados.

#### **5.4. Potenciais de valorização**

Apesar dos desafios, os frutos nativos apresentam oportunidades de expansão econômica. O tucumã e a pupunha podem ser valorizados em estratégias de turismo gastronômico, enquanto o uxi e o puruí possuem potencial para inserção em mercados voltados à saúde e bem-estar (SPACKI *et al.*, 2022). Além disso, a valorização desses frutos contribui para a preservação da biodiversidade amazônica e para o fortalecimento da economia local.

Os depoimentos dos comerciantes permitem identificar alicerces robustos para a valorização dos frutos nativos no Mercado Municipal de Humaitá. Esses fundamentos são intrínsecos à operação local e apontam para oportunidades concretas de desenvolvimento.

A existência de uma demanda estável e culturalmente ancorada constitui o principal potencial. Os comerciantes relatam uma procura contínua e uma boa aceitação dos produtos, sustentada por hábitos alimentares tradicionais. Esta base de consumo consolidada oferece segurança para iniciativas de agregação de valor e diversificação da oferta.

Outro ativo estratégico é o conhecimento prático acumulado pelos atores locais. Este saber empírico abrange a compreensão detalhada da sazonalidade, a gestão da perecibilidade e

o relacionamento com fornecedores. Tal conhecimento atua como um mecanismo adaptativo de gestão, permitindo otimizar a comercialização dentro das condições logísticas existentes.

A estrutura encurtada da cadeia produtiva, baseada na proximidade geográfica e em relações diretas de fornecimento, também se configura como uma vantagem. Este arranjo favorece a comunicação, confere maior transparência à origem dos produtos e estabelece uma base de confiança que pode facilitar a formalização de acordos comerciais futuros.

Por fim, o próprio espaço físico e institucional do mercado representa um recurso único. Para além da sua função comercial, ele atua como uma interface essencial entre a produção local e o consumidor urbano, posicionando-se como o local natural para ações de educação, promoção da identidade territorial e demonstração do valor da sociobiodiversidade.

A conjunção destes elementos forma um cenário propício. A presença simultânea de demanda garantida, conhecimento local aplicado, cadeias curtas e um espaço de interface dedicado cria as condições necessárias para transformar o mercado em um eixo dinâmico de uma economia mais valorizada e sustentável.

## **5.5 Proposta de Estratégias Sustentáveis**

A partir dos desafios relatados pelos comerciantes e das potencialidades identificadas no mercado, é possível delinear estratégias sustentáveis adequadas à realidade socioeconômica de Humaitá. A primeira delas consiste na reorganização interna das bancas, com melhorias simples como padronização de preços, identificação clara dos produtos e disposição adequada das frutas. Essas ações aumentam a atratividade visual, facilitam a comunicação com o consumidor e contribuem para fortalecer a imagem do mercado como um espaço bem estruturado e voltado à valorização dos recursos locais.

Outra medida de baixo custo é o aprimoramento das práticas de conservação das frutas. Os entrevistados relataram que muitas perdas ocorrem por armazenamento inadequado. Assim, recomenda-se a substituição de sacolas plásticas fechadas por caixas ventiladas, o uso de recipientes que mantenham os frutos mais sensíveis em condições adequadas e a adoção de um freezer comunitário que possa ser compartilhado entre os comerciantes. Essas práticas reduzem perdas, prolongam a durabilidade dos produtos e aumentam o potencial de venda.

O fortalecimento da comunicação entre extrativistas e vendedores também se mostra essencial. A criação de grupos de mensagem voltados ao aviso de disponibilidade, quantidade e valores dos frutos facilita o planejamento das compras, reduz períodos de escassez e permite maior alinhamento entre oferta e demanda. Da mesma forma, ações de capacitação oferecidas

por instituições locais, como SEMAPA, SEPROR, IDAM, UFAM ou IFAM, podem incluir oficinas sobre boas práticas de manipulação, seleção de frutos e preparação de derivados, agregando valor à produção e ampliando as possibilidades de comercialização.

Por fim, estratégias de divulgação e educação alimentar reforçam a importância cultural e nutricional dos frutos nativos. Cartazes informativos, campanhas em redes sociais e demonstrações culinárias realizadas periodicamente contribuem para ampliar o conhecimento da população e fortalecer o vínculo entre o mercado, os produtos regionais e a identidade amazônica. A soma dessas ações estabelece um ambiente favorável ao desenvolvimento sustentável, à geração de renda local e à consolidação do mercado municipal como referência na promoção da sociobiodiversidade.

## 6. CONCLUSÃO

A análise da comercialização das frutas nativas no mercado municipal de Humaitá evidenciou a relevância de espécies como tucumã, uxi, puruí e pupunha, tanto no aspecto cultural quanto econômico. Os resultados demonstraram que o tucumã se manteve constante em todos os meses avaliados, reforçando sua importância na alimentação regional, enquanto o uxi e o puruí apresentaram variações sazonais que limitam sua oferta. A pupunha, por sua vez, destacou-se pela versatilidade de consumo e potencial de uso industrial.

Entretanto, a pesquisa revelou desafios estruturais que comprometem o pleno aproveitamento dessas frutas. Entre eles, destacam-se a sazonalidade, a perecibilidade e, sobretudo, a ausência de políticas públicas voltadas para o fortalecimento da cadeia produtiva local. Os comerciantes relataram não contar com incentivos governamentais e infraestrutura adequada, a qual restringe a agregação de valor e a expansão da comercialização para além do consumo in natura.

Dessa forma, conclui-se que, embora as frutas nativas possuam elevado potencial econômico, cultural e nutricional, sua valorização depende de estratégias integradas que envolvam não apenas iniciativas privadas, mas também políticas públicas de apoio. A implementação de programas voltados à capacitação, industrialização e promoção desses frutos poderia contribuir para o desenvolvimento sustentável da região, fortalecendo a economia local e preservando a biodiversidade amazônica.

## 7. REFERÊNCIAS

ABREU, L. S. de; WATANABE, M. A. Agricultores familiares do Sul da Amazônia: Desafios e estratégias para inovação agroecológica de sistemas de produção. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 11, n. 5, p. 114-122, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7291952>. Acesso em 31 de out. de 2025.

ARAÚJO, Y.; BARROS, E.; GUIMARÃES, C.; JACOB, M.; MAIA, J.; TREGIDGO, D.; FERREIRA, N. T. (Ilust.). **Frutas da floresta: o poder nutricional da biodiversidade amazônica**. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2024. Disponível em: <<https://apnutri.org/wp-content/uploads/2024/04/Frutas-da-Floresta.-O-Poder-Nutricional-da-Biodiversidade-Amazonica.pdf>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2025.

BAHIA, Pablo Queiroz et al. Configuração das relações de integração entre cooperativas e agricultores familiares extrativistas no estado do Pará. **ARACÊ**, v. 6, n. 4, p. 14056-14093, 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2140>. Acesso em 03 de nov. de 2025.

BARBOSA, Manuel Saldanha; DE LIMA, Janaína Paolucci Sales; LIMA, Renato Abreu. Contribuições da Educação Ambiental para a biodiversidade no Amazonas: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 18, n. 1, p. 194-210, 2023. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/m4qasou7knf47gfnp7slghij44/access/wayback/https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/download/14051/10358>. Acesso em 16/09/2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. **Geopolítica(s)**, v. 1, pág. 135, 2019. Disponível em: [https://search.proquest.com/openview/5950abf1b5aea9e0b333b795df6386db/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2042645&casa\\_token=ExAMcIohNbQAAAAA:sba6nSDrhtB-YhpWqLVmdPR4CT2bKtX4p0CshIkhnICwaEpA1MhuruXFrirSQIo5VdqIK3x6DmsS](https://search.proquest.com/openview/5950abf1b5aea9e0b333b795df6386db/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2042645&casa_token=ExAMcIohNbQAAAAA:sba6nSDrhtB-YhpWqLVmdPR4CT2bKtX4p0CshIkhnICwaEpA1MhuruXFrirSQIo5VdqIK3x6DmsS). Acesso em 04 de nov. de 2025.

BECKER, Bertha K. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. Acesso em 10 de nov. de 2025.

BONZOLAN, João. *Frutas da Amazônia: 10 preciosidades que você precisa conhecer*. Mahta, 2023. Disponível em: <https://www.mahta.bio/blogs/mahta/frutas-da-amazonia>. Acesso em: 17 de outubro de 2025.

CARDOSO, N. R. P. **Análise do consumo de frutas e derivados no município de Belém, estado do Pará**. Dissertação (Mestre em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/1138>. Acesso em 21 de out. de 2025.

CARVALHO, J. E. U.; NASCIMENTO, W. M. O. *Endopleura uchi*. In: **PLANTAS para o Futuro – Região Norte**. Brasília: Embrapa, 2018. p. 269-282. Disponível em:

<<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1144352/1/Plantas-para-o-Futuro-Norte-269-282.pdf>>. Acesso em: 28 de nov. de 2025.

CAVALCANTE, Felipe Sant'Anna et al. Percepção Ambiental e Etnobotânica na Comunidade Paraíso Grande, Humaitá-AM, Brasil. **Fronteira: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 13, n. 4, p. 339-353, 2024. Disponível em: <https://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/7563>. Disponível em: 15/09/2025.

CHELALA, C.; CHELALA, C.; CARVALHO, A. C. A. Entraves para o desenvolvimento da bioeconomia na Amazônia. **Mestrado em desenvolvimento regional**, v. 15, p. 38-48, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Jadson-Porto/publication/360451390\\_Mestrado\\_em\\_desenvolvimento\\_regional\\_15\\_anos\\_na\\_busca\\_de\\_sinergias\\_possibilidades\\_e\\_expectativas\\_de\\_desenvolvimento/links/63a06696024dc52c8a321a2d/Mestrado-em-desenvolvimento-regional-15-anos-na-busca-de-sinergias-possibilidades-e-expectativas-de-desenvolvimento.pdf#page=39](https://www.researchgate.net/profile/Jadson-Porto/publication/360451390_Mestrado_em_desenvolvimento_regional_15_anos_na_busca_de_sinergias_possibilidades_e_expectativas_de_desenvolvimento/links/63a06696024dc52c8a321a2d/Mestrado-em-desenvolvimento-regional-15-anos-na-busca-de-sinergias-possibilidades-e-expectativas-de-desenvolvimento.pdf#page=39). Acesso em 30 de out. de 2025.

CLEMENT, C. R.; SANTOS, L. A. **Pupunha no mercado de Manaus: preferências de consumidores e suas implicações**. Revista Brasileira de Fruticultura, v. 24, n. 3, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbf/a/dkQgJ5Ym7yx3PXSTjdvdrGq/?format=html>>. Acesso em: 28 de nov. de 2025.

COSTA, Francimara Souza da; MELO, Gisely da Silva; SILVA, Luiz Carlos da. Sustentabilidade da agricultura familiar na região Sul do Amazonas: O caso da comunidade Alto Crato (Humaitá-AM). **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 45, n. 1, p. e68621, 2023. Disponível em: [https://search.proquest.com/openview/61795b9093823ba0357a46b036a15a07/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2037654&casa\\_token=Qp\\_zEOBnY1kAAAAA:X6vUyKD28h2atRuYA-xEIpARWdQLFTkcCxDji9bVUFkvM9ivdCdIj8rXy4i-6kKmIXAGiIiCjZM4](https://search.proquest.com/openview/61795b9093823ba0357a46b036a15a07/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2037654&casa_token=Qp_zEOBnY1kAAAAA:X6vUyKD28h2atRuYA-xEIpARWdQLFTkcCxDji9bVUFkvM9ivdCdIj8rXy4i-6kKmIXAGiIiCjZM4). Acesso em 02 de nov. de 2025.

DIDONET, A. A. **O mercado de um produto florestal não madeireiro e o resíduo sólido gerado pela sua comercialização: o caso do tucumã nas feiras de Manaus**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – INPA, Manaus, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.inpa.gov.br/bitstreams/5d42b4b9-3d27-4c56-838b-425825aa29ab/download>>. Acesso em: 28 de nov. de 2025.

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Boas práticas agrícolas para a produção de frutas. Brasília: Embrapa, 2018. Acesso em: 28 de nov. de 2025.

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Sistemas agroflorestais: bases científicas para o desenvolvimento sustentável. Brasília: Embrapa, 2021. Acesso em: 28 de nov. de 2025.

FEARNSIDE, P. M. Desmatamento na Amazônia: dinâmica, impactos e controle. **Acta amazônica**, v. 36, p. 395-400, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aa/a/97R3WH4L93x74Sr5q7X7BVy/?la>. Acesso em 06 de nov. de 2025.

FEARNSIDE, P. M. Serviços ambientais como estratégia para o desenvolvimento sustentável na Amazônia rural. **Economia Ecológica**, v. 20, n. 1, p. 53-70, 1997. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0921800996000663>. Acesso em 05 de nov. de 2025.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Acesso em 10 de nov. de 2025.

GOMES, M. C.; NOGUEIRA, A. C. F.; COSTA, F. S. da. Assistência Técnica e Extensão Rural em comunidades rurais do sul do Amazonas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 21, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/5470>. Acesso em 05 de nov. de 2025.

HOMMA, A. K. O. **Extrativismo vegetal na Amazônia: história, ecologia, economia e domesticação**. Brasília, DF: Embrapa, 2014. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1016352>. Acesso em 05 de nov. de 2025.

HOMEM VERDE. **10 Benefícios da Fruta Purui + Propriedades e Informações**. 2023. Disponível em: <<https://homemverde.com/purui/>>. Acesso em: 28 de nov. de 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Amazonas – Humaitá**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/humaita>. Acesso em 05 de nov. de 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão territorial e dados geográficos do município de Humaitá (AM)**. 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/humaita.html>. Acesso em 01 de nov. de 2025.  
LÖSCH, Silvana; RAMBO, Cláudio A.; FERREIRA, João L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 1–20, 2023. Acesso em: 17 set. 2025.

LOPES, Monyck Jeane dos Santos *et al.* Impacto do desmatamento e queimas na biodiversidade invisível da Amazônia. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v. 16, n. 1, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/rama/article/view/9608>.

LUNETTA, Ana de et al. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. *Revista de Gestão e Secretariado*, São Paulo, v. 15, n. 7, p. 1–18, 2024. Acesso em: 17 set. 2025.

MARIN, N. G. **Potencialidades bioeconômicas de espécies frutíferas do município de Tabatinga, Tríplice Fronteira - Amazonas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Ciências - Biologia e Química) - Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant-AM, 2023. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/6821>. Acesso em 22 de out. de 2025.

MORAES, R. P.; MOÇAMBITE, R. F.; QUITERIO, T. da C. ATIVIDADES DE SENSIBILIDADE: UM DESPERTAR PARA A DIVERSIDADE DAS FRUTÍFERAS NATIVAS DO AMAZONAS. **Nexus-Revista de Extensão do IFAM**, v. 10, n. 14, p. 101-

109, 2024. Disponível em: <https://nexus.ifam.edu.br/index.php/revista-nexus/article/view/230>. Acesso em 21 de out. de 2025.

NEVES, L. C.; TOSIN, J. MBENEDETTE, R. M. CISNEROS-ZEVALLOS, L. Postharvest nutraceutical behaviour during ripening and senescence of 8 highly perishable fruit species from the Northern Brazilian Amazon region. **Food chemistry**, v.174, p.188-196, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0308814614016756>. Acesso em 20 de out. de 2025.

OLIVEIRA, A. C. D.; NOGUEIRA, M. **O caso do uxi-amarelo (Endopleura uchi Huber): da biodiversidade brasileira para a comercialização fraudulenta no Brasil**. Revista Fitos, v. 18, supl. 1, 2024. Disponível em: <<https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/1517>>. Acesso em: 28 de nov. de 2025.

OLIVEIRA, M. S. P. et al. *Astrocaryum aculeatum e A. vulgare: tucumã-do-amazonas e tucumã-do-pará*. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2022. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1144340>>. Acesso em: 28 de nov. de 2025.

PONTES, Nascimento; ROSÁRIO, Alessandro Silva. **Ciências ambientais: política, sociedade e economia da Amazônia**. – Belém: EDUEPA, 2020. Disponível em: [https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2020/12/amb\\_pol-soc-ec.pdf](https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2020/12/amb_pol-soc-ec.pdf). Acesso em 16/09/2025.

PULGARIN, M. G. dá S. **Espécies de frutas amazônicas: potencialidades e desafios da bioeconomia no município de Benjamin Constant**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Ciências - Biologia e Química) - Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant-AM, 2023. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/6840>. Acesso em 23 de out. de 2025.

RORIZ, P. A. C.; NASCIMENTO, Vanessa Barbosa do. Resgate cultural da mangaba como símbolo do município de Humaitá-AM. **Nexus-Revista de Extensão do IFAM**, v. 2, n. 1, p. 67-70, 2016. Disponível em: <https://nexus.ifam.edu.br/index.php/revista-nexus/article/view/94>. Acesso em 02 de nov. de 2025.

SANTOS, Mariana Coutrim dos. **Qualidade do solo sob atividade agropecuária no sul do Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas.2022. Disponível em: [https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8849/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_MarianaSantos\\_PPGCA.pdf](https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8849/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o_MarianaSantos_PPGCA.pdf). Acesso em 15/09/2025.

SAVIANO, Rafael. **Metodologia da pesquisa como ferramenta auxiliar de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Forma Educacional Editora, 2025. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/1000738/2/Metodologia%20da%20Pesquisa%20como%20Ferramenta.pdf>. Acesso em: 17 set. 2025.

SHANLEY, P.; SILVA, F. C. **Frutas da Amazônia: saberes e sabores**. Belém: CIFOR, 2019.

SILVA, J. L. A. et al. GESTÃO AMBIENTAL, SOCIAL E TERRITORIAL PARA A REVITALIZAÇÃO SUSTENTÁVEL DA BR-319. **Revista Gestão e Conhecimento**, v. 19, n. 1, p. e448-e448, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistagc.com.br/ojs/index.php/rgc/article/view/448>. Acesso em 06 de nov. de 2025.

SILVA, L. J. S.; SCHNEIDER, S.; SANTOS, A. C.; MENEGHETTI, G. A. *The commercialisation of tucumã (Astrocaryum aculeatum) by extractivists in riverside communities in the Amazon*. **Sustainability in Debate**, v. 15, n. 2, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sust/article/view/54154>>. Acesso em: 28 de nov de 2025.

SILVA, M. J. P. da. **Políticas Públicas para Agricultura Familiar na comunidade do Alto Crato no município de Humaitá-Am, sob uma perspectiva socioeconômica e ambiental**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá-AM, 2019. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7398>. Acesso em 04 de nov. de 2025.

SILVA, Viviane Vidal da; SILVA, Ricardo Gilson da Costa; LIMA, Luis Augusto Pereira. A estruturação da fronteira agrícola no sul do Estado do Amazonas. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 5, n. 1, p. 67-82, 2019. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/download/37193/26288>. Acesso em 06 de nov. de 2025.

SIQUEIRA, M. N.; BONIFÁCIO, R. dos R.; ANDRADE, T. B. O FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR ATRAVÉS DO COOPERATIVISMO. **Revista Foco (Interdisciplinary Studies Journal)**, v. 17, n. 2, 2024. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&profile=ehost&scope=site&authtype=crawler&jrnl=1981223X&AN=176289552&h=tZihTPUk4Vjj4ZLhP74yJINk7%2B1813Z5i7hmZ9pIMr3aFJWcKiXc6P5q4HLlk3bNZ%2FU8XpzVTYDG9APGJAoXKw%3D%3D&url=c>. Acesso em 05 de nov. de 2025.

SIQUEIRATUR. História e cultura de Humaitá-AM. **Secretaria Municipal de Turismo de Humaitá**. Disponível em: <https://www.siqueiratur.net/historia-e-geografia/>. Acesso em 04 de nov. de 2025.

SOUZA, A. das G. C de; SILVA, S. E. L. da. **Frutas Nativas da Amazônia**. CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA; ANNUAL MEETING OF THE INTERAMERICAN SOCIETY FOR TROPICAL HORTICULTURE. Frutas para todos: estratégias, tecnologias e visão sustentável. Vitória: INCAPER: Sociedade Brasileira de Fruticultura, 2008. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/683909>. Acesso em 05 de nov. de 2025.

SPACKI, K. C. et al. *Pupunha (Bactris gasipaes Kunth): uma revisão*. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2022. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1137858>>. Acesso em: 28 de nov de 2025.

TORRES, I. C. Humaitá: ecos de um povo. **EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas**, 2007. Disponível em: <https://www.livrarialua.com.br/produtos/humaita-ecos-de-um-povo-iraildes-caldas-torres/>. Acesso em 07 de nov. de 2025.

## 8. APÊNDICE

### Roteiro de Entrevista: Comerciantes de Frutos Nativos

#### 1. Identificação do entrevistado (opcional):

- Nome:
- Idade:
- Tempo de atuação no mercado:
- Tipo de produtos comercializados:

#### 2. Conhecimento e comercialização de frutos nativos:

- Quais frutos nativos da região você costuma vender?
- Esses frutos têm boa saída? Quais são os mais procurados?
- Você percebe alguma mudança na procura por esses frutos nos últimos anos?

#### 3. Origem e fornecimento:

- De onde vêm esses frutos? São coletados por você, comprados de produtores locais ou de outras regiões?
- Há alguma dificuldade em conseguir esses produtos?

#### 4. Desafios enfrentados:

- Quais são os principais desafios na comercialização de frutos nativos?
- Há problemas com conservação, transporte, sazonalidade ou legislação?

#### 5. Percepção dos consumidores:

- Os clientes conhecem e valorizam os frutos nativos?
- Existe algum preconceito ou desconhecimento sobre esses produtos?

#### 6. Apoio institucional:

- Você já recebeu algum tipo de apoio de órgãos públicos, ONGs ou projetos locais para comercializar frutos nativos?
- Que tipo de incentivo você acha que ajudaria a melhorar essa atividade?

#### 7. Potenciais e sugestões:

- Na sua opinião, quais são os potenciais dos frutos nativos para a economia local?
- O que poderia ser feito para valorizar mais esses produtos?